O GLOBO
Publicado em 15/06/2022 - 05:57

Governo pede à Petrobras que contenha alta de preços

COMBUSTÍVEL ELEITORAL

INTERFERÊNCIA NA PETROBRAS

Governo pede para estatal segurar reajuste de diesel e gasolina. Com preço defasado, diretoria resiste

MANOEL VENTURA E BRUNO ROSA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

O governo do presidente Jair Bolsonaro pediu à direção da Petrobras para que a empresa segure o reajuste nos preços de combustíveis, de acordo com integrantes do Executivo. Bolsonaro quer que os valores permaneçam como estão ao menos até a conclusão da votação no Congresso das iniciativas que fazem parte do pacote para reduzir preços de óleo diesel, gasolina, gás e energia elétrica. Ontem, apenas um dia depois de passar no Senado, a Câmara aprovou de novo projeto que impõe teto de 17% para ICMS de combustível.

Apesar do pedido do governo, a diretoria da estatal resiste à ideia. A empresa tem alertado o governo de que há uma defasagem cada vez maior entre os preços praticados no país e os valores cobrados no mercado internacional. Quando a diferença aumenta substancialmente, cresce o risco de desabastecimento, pois as importações atendem cerca de 30% do mercado. Sempre que a Petrobras pratica valores mais baixos que os de mercado, isso desestimula importações. A gasolina está há 95 dias sem aumento, enquanto o diesel está congelado há 32 dias.

BRENNO CARVALHO

Pressão maior no diesel. Com preços defasados, segundo técnicos da Petrobras, reajuste do combustível usado em caminhões e transporte público precisaria ser feito nesta semana, mas governo quer que estatal espere a aprovação do pacote de subsídio a combustíveis no Congresso

DIFERENÇA DE 16% NO PREÇO

Segundo dados da Abicom, a associação dos importadores, a diferença de preço ontem estava em 16% para a gasolina e o diesel. Isso significa que a Petrobras vende gasolina mais barato que no exterior em R$ 0,73 por litro. No diesel, a diferença por litro é de R$ 0,99.

A estatal preparava um reajuste nos preços de diesel e gasolina entre 6% e 7% na refinaria. Dentro da Petrobras, técnicos afirmam que o aumento do diesel não poderia passar desta semana.

A decisão do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), de aprovar rapidamente o projeto do teto do ICMS tem relação com a possibilidade de o reajuste ser aplicado pela estatal nos próximos dias. Os parlamentares não querem ser surpreendidos com um novo aumento antes da conclusão da votação.

Foi exatamente isso que aconteceu quando o Congresso aprovou uma alíquota única para o ICMS, que acabou não sendo seguida pelos estados. A votação ocorreu no mesmo dia de um reajuste da Petrobras. Foi esse aumento que derrubou o general Joaquim Silva e Luna do comando da estatal. O que torna a situação da empresa de certa forma inédita e um pouco mais imprevisível desta vez é que o presidente da empresa já está demitido. No mês passado, Bolsonaro decidiu dispensar José Mauro Ferreira Coelho, que estava há apenas 40 dias à frente da petroleira. Até agora, o novo indicado, Caio Paes de Andrade, não assumiu o posto, o que ainda depende de uma assembleia de acionistas sem data marcada.

Para integrantes do governo, se não for possível segurar o reajuste até que o pacote inteiro de subsídio a combustíveis seja aprovado (incluindo as propostas de emendas constitucionais), o apelo é para que a Petrobras espere ao menos a efetivação do teto de 17% para o ICMS, que foi aprovado ontem na Câmara.

Participaram do encontro em Brasília na segunda-feira o ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, o presidente da Petrobras, Coelho, o diretor de Comercialização e Logística, Cláudio Mastella, e o presidente do Conselho de Administração, Márcio Weber. Segundo integrantes do governo, a reunião foi inconclusiva.

Com uma inflação de dois dígitos há nove meses e a quatro meses da eleição, o aumento de preços se tornou a principal dor de cabeça do governo. De acordo com a ala política do governo, resolver a crise dos combustíveis é crucial para que Bolsonaro consiga recuperar a popularidade. Nos últimos 12 meses, o preço da gasolina subiu 28,73%, o gás de botijão ficou 29,39% mais caro e o óleo diesel, 52,27%, considerando dados do IPCA, índice oficial de inflação, de maio.

O pedido do governo é mais uma etapa nas interferências em série realizadas neste ano com a escalada do preço dos combustíveis. Nos últimos meses, o presidente trocou o comando do Ministério de Minas e Energia, ocupado agora por Sachsida, próximo do ministro da Economia, Paulo Guedes. Na sequência, Bolsonaro não só demitiu Coelho, como começou a articular a troca do Conselho de Administração da empresa. A mudança depende da análise dos indicados. Da lista apresentada, parte dos nomes não estaria em conformidade com a Lei da Estatais ou teria conflito de interesses.

6% a 7%
era o patamar de reajuste previsto pela empresa
Esta era a correção que a Petrobras se preparava para anunciar antes de receber o pedido do governo

PARTE VÊ 'PEDIDO RAZOÁVEL'

Coelho segue no comando da empresa até que seja eleita a nova gestão. Apesar da resistência da diretoria da petroleira, diante da pressão do governo, parte do alto escalão da companhia chegou a considerar a proposta como "razoável". O entorno do presidente avalia que de nada adiantaria gastar capital político para subsidiar o diesel a um custo de R$ 46,4 bilhões até o fim do ano se, antes disso, a Petrobras anunciar um reajuste nos preços.

Nos cálculos do governo, fixar um teto para o ICMS permitiria redução de R$ 1,65 por litro da gasolina e de R$ 0,76 no caso do diesel. Na energia, o impacto seria, em média, de 12% nas contas de luz.

Ontem, a Petrobras informou à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o regulador do mercado, que mantém o compromisso com a prática de preços competitivos. A estatal disse que busca "equilíbrio com o mercado, ao mesmo tempo em que evita o repasse imediato das volatilidades externas e da taxa de câmbio causadas por eventos conjunturais". A CVM disse que não comenta casos específicos, mas acompanha informações de companhias abertas.

Para o mercado, estatal terá de aumentar combustível

Analistas afirmam que ações da companhia ficaram baratas, pois são negociadas com desconto diante da ingerência do governo

LETYCIA CARDOSO
letycia.cardoso@oglobo.com.br

A Petrobras terá de reajustar preços mais cedo ou mais tarde com o aumento do petróleo para um patamar acima de US$ 120, na avaliação de analistas. Apesar do pedido do governo para que a estatal segure correções no diesel e na gasolina, prevalece entre investidores a percepção de que não será fácil mexer na marra na política de preços. A lógica é que uma defasagem grande traria risco de desabastecimento, o que seria indesejável a poucos meses da eleição. Assim, mesmo em um dia de baixa no barril do Brent, com queda de 0,9% para US$ 121,17, as ações da Petrobras fecharam em alta.

Os papéis ordinários (com voto) subiram 0,89%, para R$ 32,70, enquanto os preferenciais (sem voto) avançaram 1,13%, a R$ 29,60. A mesma tendência foi verificada nos recibos de ações (ADRs) negociados em Nova York, que avançaram 0,95% no horário regular do pregão e mais 0,47% no *after-market*.

Na avaliação de Pedro Galdi, analista da Mirae Asset, ontem houve um ajuste técnico. Os papéis tinham caído muito nos últimos pregões, e os investidores aproveitaram para comprar. Em oito sessões, as ações ordinárias acumularam queda de 4%. Com a alta de ontem ainda recuam mais de 3%:

— Postergar reajustes não é a saída mais racional. Isso precisa ser feito, seja amanhã ou no mês que vem. O mercado sabe disso porque há uma defasagem muito grande que implica risco de desabastecimento.

Para Flavio Conde, da Levante Investimentos, as altas constantes do barril vão obrigar a estatal a corrigir preços:

— Pagar caro pelo diesel é ruim, mas não ter é muito pior. Os caminhões ficam parados, as mercadorias não chegam e o PIB fica estagnado. Julho e agosto são meses de transporte de produtos agrícolas. Se não tiver diesel, até as exportações de *commodities* ficam prejudicadas.

Para Deimon Feit, assessor de investimentos da Ável, a imagem da empresa fica desgastada com os episódios de interferência, o que já estaria refletido nos preços:

— Esses fatores relacionados à interferência estatal, ao controle, à falta de independência na gestão prejudicam a visão do investidor.

DESCONTO ATÉ PARA RUSSAS

Wagner Varejão, especialista da Valor Investimentos, dá a dimensão do desconto no preço do papel:

— A Petrobras já tem desconto até mesmo em relação a petroleiras argentinas e russas, que estão em ambiente mais conturbado que o nosso. O mercado já sabe que essa dinâmica eleitoral pode piorar ainda mais isso.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 13

Copyright © Clipclap 2025.